



SOCIEDADE, GÊNERO E VIOLÊNCIA: PERCEPÇÕES JUVENIS ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS, DE PERPETUAÇÃO DA CULTURA MACHISTA E DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER PRESENTES EM DIFERENTES GÊNEROS MUSICAIS

SOCIETY, GENDER AND VIOLENCE: YOUNG PERCEPTIONS ABOUT WOMEN'S REPRESENTATIONS, PERPETUATION OF MACHIST CULTURE AND VIOLENCE AGAINST WOMEN IN DIFFERENT MUSICAL GENDERS

Luciana Santos Bispo¹

Evelin Sibeles R. Sganzerlla²

Maria Gorete Pereira³

Resumo: A música é uma das produções artísticas e culturais mais populares. Todas as classes sociais a produzem, todas as idades a escutam e os mais diferentes temas e assuntos são por ela abordados em diferentes épocas e com diferentes conotações. Assim, produzida e consumida por agentes sociais, a música é construtora e portadora de sentidos, de representações e de perpetuação de valores socioculturais, estando muitas vezes a serviço da elaboração de conceitos, da reafirmação e reelaboração de pré-conceitos que, seja de maneira velada ou mais evidente, reforçam padrões sociais que nunca deviam ter existido, dentre os quais vale destacar a depreciação feminina e a violência de gênero. Neste sentido, o presente trabalho é fruto de uma pesquisa social realizada com discentes da 2ª série do Ensino Médio, de uma escola pública situado no interior da Bahia, e teve como objetivo principal compreender as percepções de jovens sobre a perpetuação da cultura

¹ Mestra em Teologia pela Faculdades EST - São Leopoldo - RS/Brasil e doutoranda (bolsista da CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST - São Leopoldo -RS/Brasil.

² Mestra em Teologia pela Faculdades EST - São Leopoldo - RS/Brasil e doutoranda (bolsista da CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST - São Leopoldo -RS/Brasil.

³ Mestra em Teologia pela Faculdades EST - São Leopoldo - RS/Brasil e doutoranda (bolsista da CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST - São Leopoldo -RS/Brasil.

machista, de violência contra a mulher e as representações femininas socialmente construídas em diferentes gêneros musicais.

Palavras-chave: Música. Representações Femininas. Violência de Gênero.

Abstract: Music is one of the most popular artistic and cultural productions. All social classes produce it, all ages listen to it and the most different themes and subjects are addressed by it at different times and with different connotations. Thus, produced and consumed by social agents, music is a constructor and carrier of meanings, representations and perpetuation of sociocultural values, and is often at the service of the elaboration of concepts, the reaffirmation and re-elaboration of prejudices that, in either veiled or more evident ways, reinforce social patterns that should never have existed, including female depreciation and gender-based violence. In this sense, the present work is the result of a social research carried out with students from the 2nd year of high school, from a public school located in the interior of Bahia, and its main objective was to understand the perceptions of young people about the perpetuation of the chauvinistic culture, violence against women and socially constructed female representations in different musical genres.

Keywords: Music. Female Representations. Gender Violence.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho é fruto de um conjunto de atividades desenvolvidas com discentes de uma turma do 2º ano do Ensino Médio, turno matutino, de uma escola pública da rede estadual em uma cidade do sul da Bahia. Partindo do pressuposto de que a música é um veículo artístico e cultural produzido por atores sociais, e que, portanto, representa os seus valores, anseios, comportamentos, entende-se que ela muitas vezes torna-se um instrumento eficaz para imposição de padrões patriarcais, de transmissão de valores, conceitos e preconceitos culturais historicamente construídos, os quais se deseja a todo custo preservar, como é o caso das representações femininas, como um ser submisso e inferior ao homem. A problemática que envolve o tema deste trabalho diz respeito à duas observações: a primeira, diz respeito a percepção de que muitas vezes as músicas são ouvidas, repassadas, dançadas, elogiadas sem uma análise preliminar do seu conteúdo e, muito menos, da mensagem que se pretende transmitir, reforçar, perpetuar através delas.

A segunda observação, diz respeito a um aspecto muito característico da contemporaneidade; em geral, o público adolescente- jovem- é o que mais consome músicas e é também o de gosto mais diversificado em relação aos

gêneros musicais. Adolescentes e jovens vivem conectados ao fone de ouvido como se este fosse uma extensão do seu próprio corpo. Na escola, por exemplo, eles não desgrudam dos aparelhos celulares e dos fones de ouvido. Ouvir músicas é para eles e elas uma tarefa que pode ser executada simultaneamente a quase todas as outras do seu dia a dia. Ouvem, cantarolam, assoviam, dançam, reproduzem coreografias ritmadas e complexas; mas, pouco ou nada sabem dizer sobre o que escutam e dançam. Não raro, meninas cantam e dançam músicas que as inferiorizam, ridicularizam, humilham, expõem, vulgarizam enquanto mulher, sem ao menos se dar conta disso. Eles e elas seguem o ritmo, o som, a melodia sem se darem conta da letra e da mensagem transmitida. Assim, neste trabalho, a pergunta sobre a percepção das representações negativas femininas, assim como pela perpetuação da cultura machista e de violência contra a mulher reafirmadas nas letras de músicas de diferentes gêneros da MPB quer ser respondida por jovens/adolescentes.

Entende-se que o estudo das representações depreciativas da mulher e da manutenção da cultura machista presente nas letras de músicas brasileiras não seja um trabalho inédito. Também esse artigo não pretende esgotar o tema em questão. Todavia, conscientes de “que a escola tem a responsabilidade de não concorrer para o reforço e o aumento da discriminação e dos preconceitos contra as mulheres e contra todos aqueles que não correspondem a um ideal de masculinidade e feminilidade dominantes”⁴, buscou-se com as atividades pedagógicas desenvolvidas neste trabalho oportunizar a adolescentes e jovens uma análise mais criteriosa das letras de músicas ouvidas e cantadas por eles e elas. Fala-se muito em valorização da mulher, espera-se muito que se desenvolva uma sociedade mais respeitosa, menos preconceituosa e menos machista. Mas, muitas vezes, o debate não é trazido para o espaço da sala de aula da educação básica. Propor a adolescentes e jovens um debate sobre estes aspectos é investir na base para uma mudança de mentalidade, de valores, de padrões instituídos, de comportamentos, de representações e significados que já não cabem numa

⁴ RIO DE JANEIRO. Gênero e diversidade na escola: formação de professores em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. **Caderno de atividades**, 2009. p. 29.

sociedade que luta tanto pelo combate ao preconceito e todas as formas de violência contra a mulher.

Nesta direção, a metodologia utilizada neste trabalho se estruturou da seguinte maneira: as atividades foram desenvolvidas em duas etapas durante o mês de abril e maio de 2018: 1ª etapa - Durante 04 aulas, uma por semana, da disciplina de Redação propôs que os e as discentes respondessem um questionário composto por 07 questões abertas e alusivas às letras das seguintes: 1 - **Maria Chiquinha** (Sandy & Junior); 2 - **Marina, morena** (Dorival Caymmi); 3 - **Vidinha de Balada** (Henrique e Juliano), 4 - **Ciumento eu** (Henrique e Diogo). Nesta etapa não houve debate sobre o assunto em questão, porque visou-se compreender a percepção dos e das participantes desta pesquisa investigados acerca do tema investigado sem interferência dos colegas e da professora.

A 2ª etapa constituiu-se essencialmente das discussões orais entre discentes e docentes sobre as percepções por eles e elas indicadas nas respostas dadas ao questionário.

A 3ª etapa concentrou-se na estruturação de um plano estratégico interdisciplinar, elaborado pelos e pelas discentes e os docentes da referida turma, com o objetivo de levar o debate, em forma de um seminário de gênero, sobre o tema “*Sociedade, Gênero e Violência: percepções juvenis acerca das representações femininas, de perpetuação da cultura machista e de violência contra a mulher presentes em diferentes contextos das sociedades contemporâneas.*” O seria ministrado qual para todas as turmas dos turnos matutino, vespertino e noturno. Por ora, os aspectos descritos neste trabalho dizem respeito apenas as primeiras atividades realizadas, ou seja, a análise das letras de músicas e as respostas apresentadas pelo grupo investigado.

O método de análise utilizado neste trabalho foi qualitativo do Discurso do Sujeito Coletivo⁵, segundo o qual o discurso coletivo se constrói a partir de um processo criterioso de análise das expressões-chave e ideias principais extraídas dos discursos individuais, da observância dos discursos em comum e

⁵ LEFÈVRE F.; LEFÈVRE, A. M. **Discurso do Sujeito Coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Ed. rev. e amp. Caxias do Sul: EDUCS, Brasil, 2003. 256p.

identificação daquele que representa grupo investigado. Visando compreender se os e as adolescentes investigados e investigadas compreendem de maneira diferente o discurso de violência de gênero, muitas vezes, metafórico e subliminar presentes nas músicas analisadas, o discurso coletivo do grupo foi representado, neste trabalho, pelo grupo dos homens e grupo das mulheres.⁶

DO MACHISMO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UM PROBLEMA NÃO TÃO RECENTE...

O modelo de estruturação social cuja base está ficada sob o patriarcalismo é o mesmo que insiste em manter sob as mulheres o peso e as amarras de uma sociedade que as enxerga sob o julgo da fragilidade, da impotência, da inferioridade e da submissão. É controverso constatar todos os dias nos noticiários, jornais, sites de notícias que apesar de toda luta empreendida, que apesar dos avanços na legislação de defesa e amparo à mulher, apesar de todos os direitos adquiridos” pelas mulheres nos últimos anos, ainda impera nas teias sociais uma força que insiste em reforçar o machismo e com ele todas as formas de violência contra a mulher.

Marcos Cordeiro Pires destaca a educação familiar como um importante elo social de transmissão de princípios e padrões de comportamentos machistas, ao afirmar que “[...] antes de ser uma reprodução de comportamentos exclusivamente masculinos, ele é reforçado pela vida familiar, incluindo aí a educação recebida da mãe, que inconscientemente (ou conscientemente) reafirma os seus estereótipos.”⁷ Segundo este autor, até mesmo quando os pais, e geralmente mais a mãe, distribui as tarefas domésticas excluindo os homens delas, ou amenizando a participação destes e tornando-a mais exigente para as mulheres, esse é um modelo de educação familiar tradicional centrado no machismo que perpassa gerações e assume características culturais e de maneira sutil aumenta o fosso da desigualdade

⁶ Os Discursos Coletivos representativos do grupo serão indicados neste trabalho pelas iniciais DC-H (para discursos coletivos dos homens) e DC-M (para discursos coletivos das mulheres).

⁷ PIRES, Marcos Cordeiro. **A naturalização da violência contra a mulher na música popular brasileira.** S/d. p.4. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/a-naturalizacao-da-violencia_marcos-cordeiro-pires.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

entre os gêneros. Sobre este aspecto Saffioti afirma que a “[...] desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama das relações sociais.”⁸

No trabalho intitulado “*Laços perigosos entre machismo e violência*”, Minayo afirma que na cultura ocidental a concepção de masculino e feminino é muitas vezes definida pela sexualidade, através da qual o homem exerce o seu poder e a mulher o seu papel de submissa e de objeto dos desejos masculinos. Segundo esta, o patriarcalismo se estende, de maneira naturalizada, a outros aspectos da vida social que legitimam o homem como o “macho” detentor do poder e da força, em detrimento da também naturalizada concepção da mulher como um ser menos dotada das capacidades de exercer as mesmas funções ditas “para homens.” Nesta direção, esta autora afirma que

Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o “impensado” e o “naturalizado” dos valores tradicionais de gênero. Da mesma forma e em consequência, o masculino é investido significativamente com a posição social (naturalizada) de agente do poder da violência, havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas[...].⁹

Sobre a naturalização do machismo nos diversos segmentos sociais, Saffioti alerta para uma recorrente “pedagogia da violência”, cujo aval se encontra “[...] na tolerância e até no incentivo da sociedade para que os homens exerçam sua força-potência-dominação contra as mulheres, em detrimento de uma virilidade doce e sensível, portanto mais adequada ao desfrute do prazer.”¹⁰ Neste contexto a música insere-se como uma produção cultural criada por agentes sociais com objetivos que, muitas vezes, perpassam a arte e a contemplação dela e centram-se na transmissão de valores, estereótipos, (pre)conceitos, bem como na reafirmação de padrões historicamente construídos.

⁸ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 71.

⁹ MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Laços perigosos entre machismo e violência*. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 10, n. 1, p. 23-26, 2005. p. 23-24. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a03cv10n1.2005:23-24>>. Acesso em: 12 set. 2019.

¹⁰ SAFFIOTI; 2004, p. 75.

ANÁLISE DOS RESULTADOS: PERCEPÇÕES JUVENIS ACERCA DO MACHISMO E DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO PRESENTES NAS LETRAS DE MÚSICAS

A música é uma produção artística histórica e cultural presente em todas as sociedades e acompanha o ser humano nas situações mais diversas e adversas. De uma maneira ou de outra, ela sempre está ali: alegrando, distraindo, emocionando, dando voz aos corações apaixonados e também aos tristes, embalando bebês, sonhos, conduzindo noivos ao altar e também mortos à sepultura. Enfim, é difícil pensar num momento da vida que não tenha uma canção para acompanhá-lo. Até mesmo os espaços da sala de aula são ambientes oportunos para embalar pensamentos, sentimentos, emoções “ouvir música é um prazer, um momento de diversão, de lazer, o qual, ao entrar na sala de aula, se transforma em uma ação intelectual.”¹¹

Assim segue a humanidade embalada por canções de todos os gêneros e para todos os gostos. No discurso musical, a mulher sempre foi tema presente; seja enaltecendo a sua beleza, a sua delicadeza, os seus atributos femininos, seja reafirmando o seu "frágil e submisso" papel social, seja denegrindo-a e reduzindo-a condição de objeto sexual e propriedade de um "dono." Neste contexto, o discurso presente numa letra de música se reveste da capacidade simbólica de transmitir os valores como um objeto simbólico dotado “de sentidos e de significância para e por sujeitos.”¹²

Música: Maria Chiquinha – Sandy e Júnior¹³
Que ocê foi fazer no mato, Maria Chiquinha?
Eu precisava cortar lenha, Genaro meu bem
Quem é que tava lá com você, Maria Chiquinha?
Quem é que tava lá com você?
Era fia de Sá dona, Genaro meu bem
Eu nunca vi mulher de culote, Maria Chiquinha
Era a saia dela amarrada nas perna, Genaro meu bem

¹¹ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011, p. 380 apud HARTWIG, Adriane Mallmann Eede, PEREIRA Ivonete. As representações das mulheres nas músicas do sertanejo universitário. In: **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE Artigos**. Versão On-line. 2013. p. 6. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_hist_artigo_adriane_mallmann_eede.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2019.

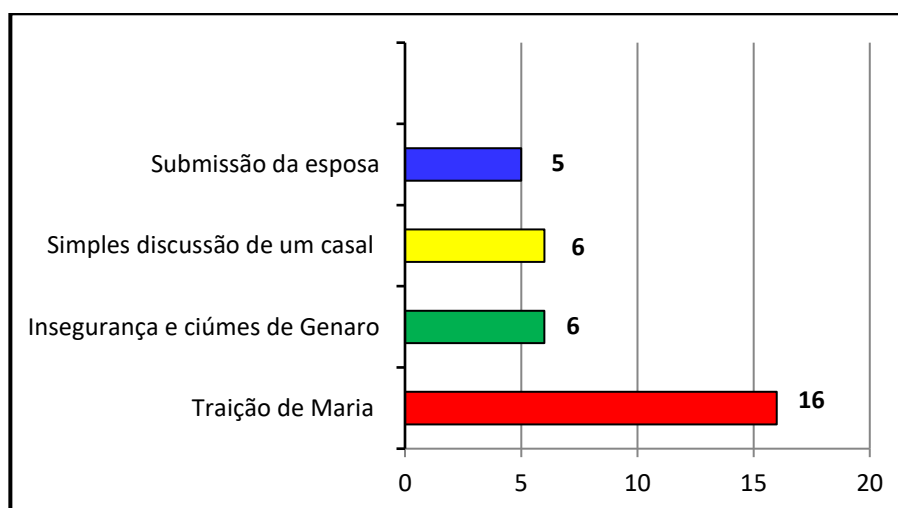
¹² ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

¹³ BÔSCOLI, Geysa; FIGUEIREDO, Guilherme. **Maria Chiquinha**. Interpretação: Sandy e Júnior. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/sandy-e-junior-musicas/149622/>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

*Eu nunca vi mulher de bigode, Maria Chiquinha
 Ela tava comendo jamelão, Genaro meu bem
 No mês de setembro não dá jamelão, Maria Chiquinha
 Foi uns que deu fora do tempo, Genaro meu bem
 Então vai buscar uns que eu quero ver, Maria Chiquinha
 Os passarinhos comeram tudo, Genaro meu bem
 Então eu vou te cortar a cabeça, Maria Chiquinha
 Então eu vou te cortar a cabeça
 Que c'ocê vai fazer com o resto, Genaro meu bem?
 O resto? Pode deixar que eu aproveito.*

Perguntados qual situação é descrita nas entrelinhas da letra desta música, as respostas que representam o discurso coletivo do grupo investigado, ficou organizada da seguinte maneira: **Traição de Maria** = 16 respostas (11DC-H. E 05 DC-M.), **Insegurança e ciúmes de Genaro**= 06 (05 DC-M. e 01 DC- H.), **Simple discussão de um casal**= 03 (02 DC-H. e 01 DC - M.), **Submissão da esposa**= 05 (05 DC-M.).

Gráfico 1 – representação do discurso coletivo presente na música



Fonte: Dados elaborados pelas autoras.

A análise do grupo confirma a mensagem transmitida pela letra da música: a de que Maria é adúltera e estava mentindo para se proteger de um possível adultério. Esta percepção está em consonância com o que postula Sebold et al., ao afirmar que as relações de poder exercidas nos diversos discursos sociais reafirmam e influenciam a maneira de pensar e de agir dos agentes sociais, e esta é uma problemática difícil de ser combatida porque tudo

depende da maneira como cada indivíduo se apropria dos discursos sociais.¹⁴ Esta observação explica em muitos aspectos porque os jovens investigados se apropriaram da ideia transmitida pela música a respeito do comportamento “adúltero” de Maria Chiquinha sem colocar em xeque a desconfiança, o machismo, a opressão e a violência psicológica exercida por Genaro.

Objetivando compreender se o grupo investigado conseguiria perceber a ameaça de feminicídio, a segunda questão solicitou que se retirasse da letra da música os versos mais significativos e a escolha fosse justificada. As respostas foram surpreendentes, pois apenas 09 (03 H. e 06 M.) participantes indicaram os versos que contém a ameaça:

Então eu vou te cortar a cabeça, Maria Chiquinha
Que ocê vai fazer com o resto, Genaro meu bem?
Que ocê vai fazer com o resto?
O resto? Pode deixar que eu aproveito.

“Revela uma relação doentia” (L.R, homem)

“A vida da mulher não tem valor.”(M, mulher)

“Um homem agressivo.”(P., mulher)

“Um homem que tem alguma relação com necrofilia.”(F.N., homem)

“A mulher é inferior ao homem precisa respeitá-lo, não pode traí-lo.”
(M.L., Mulher).

“Lavar a honra com sangue” é aspecto muito comum nas letras de músicas caipiras, como é o caso da música Maria Chiquinha; entretanto, observou-se que houve uma certa dificuldade do grupo identificar a mensagem principal da música que coloca a mulher numa condição de objeto em que mesmo depois de ter sido morta pelo marido poderá ser usada por ele, como revela o os versos “Então eu vou te cortar a cabeça, Maria Chiquinha/ Que ocê vai fazer com o resto? o resto? pode deixar que eu aproveito.”

Visando perceber se o grupo identificava a relação possessiva retratada na letra da música “**Marina, morena**”, a questão de número 04 quis

¹⁴ SEBOLD, LF; WATERKEMPER, R.; MARTINES JG.; MEIRELLES, BHS. Saúde e gênero: questões e conceitos na produção científica de enfermagem. *Rev. enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 415-420, jul/set, 2008.

saber: como você avalia a relação do eu lírico e de Marina na letra desta música?

Marina, morena - Dorival Caymmi¹⁵
Marina, morena
Marina, você se pintou
Marina, você faça tudo
Mas faça um favor
Não pinte esse rosto que eu gosto
Que eu gosto e que é só meu
Marina, você já é bonita
Com o que deus lhe deu
Me aborreci, me zanguei
Já não posso falar
E quando eu me zango, marina
Não sei perdoar
Eu já desculpei muita coisa
Você não arranjava outra igual
Desculpe, marina, morena
Mas eu tô de mal.

As respostas apresentadas a esta questão revelam que para a maioria do grupo investigado a letra da música apresenta “uma relação de amor e cuidado do esposo” = 16 (09 DC-M e 07 DC-H.). Essa é uma percepção superficial de um machismo romantizado para ser cada vez mais aceito e naturalizado. Em segundo lugar o grupo percebeu a referenciação à mulher “como alguém que deve obedecer sempre.” = 13 (09 DC-M. e 04 DC-H.), mas sem nenhuma indicação dos abusos do eu lírico em relação a Marina. Em terceiro lugar o grupo citou “uma relação de submissão da mulher” = 06 (04DC-M e 02 DC-H.). Nesta percepção chamou a atenção o fato de meninos perceberem mais este aspecto do que as meninas. Tais percepções foram seguidas por outra semelhante que entende aquela como “uma relação autoritária do homem.” = 04 (03 DC-M. E 01 H.). Esta observação teve um maior número de ocorrência entre os meninos. Por fim, um pequeno grupo formado por três meninos descreveu aquela como “uma relação normal.” = 03 (03 DC-H.).

A questão de número 05 pediu que o grupo descrevesse como a mulher está representada na letra da música. De maneira equilibrada um grupo formado por 03 homens e 03 mulheres a descreveram “como **alguém que**

¹⁵ CAYMMI, Dorival. **Marina, morena.** 1947. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/dorival-caymmi/169363/>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

teme o esposo.” = 06 (03DC-H. e 03 DC-M.), outro grupo formado por 04 homens e 02 mulheres a descreveram como “como uma pessoa **desobediente.**” = 06 (04 DC-H. e 02 DC-M.); por fim, para um outro grupo formado por 04 mulheres e 01 homem descreveu a mulher “como um **ser humano normal.**” = 05 (01 DC-H. e 04 DC-M.). Um aspecto importante das respostas dadas a esta questão é o fato de um grupo descrever a mulher retratada na música como alguém “desobediente”. Sobre este aspecto Nascimento afirma que “representações são construídas com base nos papéis que supostamente a mulher precisa ter no modelo dominante. Quando os estereótipos caminham para outros contextos como a autonomia e a liberdade eles assumem o risco potencial desta escolha.”¹⁶

Na sequência, a atividade apresentou a letra da música **Ciumento eu** da dupla Henrique e Diogo e a questão de número 06: O título da música é ciúme não. Com base nos argumentos usados pelo eu lírico no texto você concorda com esse título? Por quê?

Música: Ciumento eu - Henrique e Diogo¹⁷
 Excesso de cuidado
 Repara não
 Se eu não sair do seu lado
 Tem uma câmera no canto do seu quarto
 Um gravador de som dentro do carro
 E não me leve a mal
 Se eu destravar seu celular com sua digital
 Eu não sei dividir o doce
 Ninguém entende o meu descontrole
 Eu sou assim não é de hoje
 É tudo por amor
 E tá pra nascer
 Alguém mais cuidadoso e apaixonado do que eu
 Ciumento, eu?
 E o que é que eu vou fazer
 Se eu não cuidar, quem vai cuidar do que é meu?
 Ciumento, eu?
 Melhor falar baixinho
 Senão vão te roubar de mim

¹⁶ NASCIMENTO, Clebemilton Gomes do. “Piriguetes e putões”: representações de gênero nas letras de pagode baiano. **Simpósio Fazendo Gênero**: corpo, violência e poder. p. 12. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST55/Clebemilton_Gomes_do_Nascimento_55.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.

¹⁷ PEPATO JUNIOR, Antônio Aparecido; ALVES, Daniel Rodrigues; CARVALHO, Elcio Adriano; PEREIRA, Gustavo Gomes Pereira; DA SILVA, Larissa Ferreira. **Ciumento eu**. 2017. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/henrique-diego/ciumento-eu/>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

Quadro 1 – Discurso coletivo: homens x mulheres

Discurso coletivo dos homens	Discurso coletivo das mulheres
<p>"Concordo porque ele está tendo cuidado."</p> <p>"Não porque ele está sendo cuidadoso e protegendo o que é seu."</p> <p>"O título é uma ironia sobre a música."</p> <p>"Não porque ele passa do ciúme para uma relação abusiva e psicopata."</p>	<p>" Não. Porque isso é obsessão."</p> <p>" Sim. Ele faz várias promessas."</p> <p>"Sim, é um ciúme moderado."</p> <p>"Sim. Ele está apenas tendo cuidado porque é apaixonado."</p> <p>"Não, todo o tempo ele está querendo mandar, não respeita a privacidade da outra pessoa e acha isso normal."</p>

Fonte: Dados elaborados pelas autoras.

A última questão da atividade trouxe a seguinte proposta: as letras de músicas analisadas nesta atividade pertencem a diferentes gêneros musicais e foram construídas em diferentes épocas e contextos culturais. Como você avalia as representações histórico-culturais do gênero feminino a partir destes textos?

O discurso coletivo dos homens ficou assim representado:

- ✓ "Que as mulheres são representadas como **deusas, quase perfeitas**."
- ✓ "Que com o **passar do tempo** as mulheres foram conseguindo **respeito e direitos** na sociedade."
- ✓ "Como um gênero muito **oprimido e sem direitos**, que **não tem** muito **como se defender**."
- ✓ "Que as músicas representam o **machismo** vigente no Brasil."

E o das mulheres foi representado pelas seguintes percepções:

- ✓ "O tempo passou, mas a visão dos homens a respeito das mulheres, não. Continuam **machistas**."
- ✓ "A visão de **submissão da mulher** continua a mesma."
- ✓ "A mulher é representada como **algo e não como alguém**."

- ✓ “O tempo passou, mas mulheres continuam tendo que agir como se tivesse um **dono** e a ele devesse **obediência**.”

As respostas apresentadas nesta questão trouxeram um dado bastante significativo; pois, meninos e meninas apresentaram compreensões bastante distintas das representações femininas nas letras das músicas analisadas. Para um grupo de meninos as letras de músicas evidenciam a figura feminina como "deusas quase perfeitas," enquanto para todas as meninas a mulher está representada nas letras das músicas analisadas como "alguém submisso", como "objeto" e destacam o machismo preponderante velado e romantizado presente nas músicas.

CONCLUSÃO

As análises feitas por adolescentes nesta pesquisa, assim como os seus argumentos, revelam que a sua percepção acerca das representações femininas, da preservação da cultura machista e a manutenção da violência de gênero, muitas vezes expressas textualmente, nas letras de música ainda é superficial e difícil de ser identificada por eles e elas. Observou-se que os homens, com algumas exceções, usam sempre argumentos em defesa própria. Os resultados apontaram que no grupo investigado, as meninas ora percebem as representações negativas da mulher na música brasileira, ora mostram-se conformadas com o machismo e a violência, nem sempre sutil, presentes nas músicas analisadas.

Considerando, sobretudo, a perspectiva do discurso coletivo como aquele representativo de um grupo, entende-se que o discurso coletivo deste grupo pode também ser o mesmo de outros grupos. O que deixa evidente que os resultados desta análise apontam para um desafio a ser vencido e que deve começar na base da sociedade, com as crianças, adolescentes e jovens e, sobretudo, na educação: o debate sobre as questões que envolvem toda forma de violência de gênero, de machismo, de depreciação da mulher e todas as questões adjacentes a estas precisam ser trazido para o interior das escolas, em todas as esferas, pois onde houver seres humanos, a discussão e a luta pela igualdade e pelo respeito entre os gêneros é sempre bem-vinda!

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011, p. 380 apud HARTWIG, Adriane Mallmann Eede, PEREIRA Ivonete. As representações das mulheres nas músicas do sertanejo universitário. In: **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE Artigos**. Versão On-line. 2013. p. 6.
Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_hist_artigo_adriane_mallmann_eede.pdf>.
Acesso em: 14 abr. 2019.
- BÔSCOLI, Geysa; FIGUEIREDO, Guilherme. **Maria Chiquinha**. Interpretação: Sandy e Júnior. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/sandy-e-junior-musicas/149622/>>. Acesso em: 23 mar. 2019.
- CAYMMI, Dorival. **Marina, morena**. 1947. Disponível em:
<<https://www.letras.mus.br/dorival-caymmi/169363/>>. Acesso em: 26 mar. 2019.
- LEFÈVRE F.; LEFÈVRE, A. M. **Discurso do Sujeito Coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Ed. rev. e amp. Caxias do Sul: EDUCS, Brasil, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 10, n. 1, p. 23-26, 2005. p. 23-24.
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a03cv10n1.2005:23-24>>.
Acesso em: 12 set. 2019.
- NASCIMENTO, Clebemilton Gomes do. “Piriguetes e putões”: representações de gênero nas letras de pagode baiano. **Simpósio Fazendo Gênero**: corpo, violência e poder. p. 12. Disponível em:
<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST55/Clebemilton_Gomes_do_Nascimento_55.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PEPATO JUNIOR, Antônio Aparecido; ALVES, Daniel Rodrigues; CARVALHO, Elcio Adriano; PEREIRA, Gustavo Gomes Pereira; DA SILVA, Larissa Ferreira. **Ciumento eu**. 2017. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/henrique-diego/ciumento-eu/>>. Acesso em: 26 mar. 2019.
- PIRES, Marcos Cordeiro. **A naturalização da violência contra a mulher na música popular brasileira**. S/d. p.4. Disponível em:
<https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/a-naturalizacao-da-violencia_marcos-cordeiro-pires.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.
- RIO DE JANEIRO. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professores em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. **Caderno de atividades**, 2009.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SEBOLD, LF; WATERKEMPER, R.; MARTINES JG.; MEIRELLES, BHS.
Saúde e gênero: questões e conceitos na produção científica de enfermagem.
Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 415-420, jul/set, 2008.